



Evento	Salão UFRGS 2015: XI SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	Tem carta para você: correspondências entre as licenciaturas e a escola básica
Autores	LUCIANO BEDIN DA COSTA LIV LUDWIG GONÇALVES

Isto não é bem um resumo. Talvez devesse, por isso desde já nos desculpamos. A história que temos para contar é bastante pessoal. De muitas pessoas, na verdade. Recheada de sentimentos, encontros, chocolates e bem guardada em muitos envelopes. Por isso este quase resumo tem pretensões de carta. Uma carta que fala sobre cartas. E como uma boa carta, começamos nos apresentando: somos professores. Professores da rede pública, de graduação e ensino fundamental. Somos também aluno(a)s e pesquisadores. E gostamos de sonhar e trilhar caminhos juntos, eventualmente. Dia desses, sonhamos propor uma troca de cartas entre nosso(a)s aluno(a)s: jovens estudantes do sexto e nono ano do ensino fundamental e jovens da graduação estudando para serem professores de outros (quem sabe) jovens. Por que? Bom, talvez pela riqueza que uma troca de cartas poderia proporcionar: nas cartas contamos nossa história, escrevemos um pouco de nós e ao mesmo tempo conhecemos outras histórias, outros (de) nós. Talvez, também, pela possibilidade de inverter papéis: o(a)s aluno(a)s do ensino fundamental escreveriam a jovens quase professores, dando pistas, através da escrita, do que esperaríamos de um professor. Mas penso que o principal motivo desta troca de cartas se esconde ENTRE os já citados. Ele está no nível dos mistérios, daquilo que pode-se até imaginar, mas não se sabe quais caminhos percorre e em que lugares chega. Para entregar-se aos mistérios, é preciso estar disponível. Disponível ao outro, ao que ele nos trás, nas linhas e entrelinhas. disponível à nossa própria entrega ao outro. E não seria este o grande mistério da educação? Pensamos que talvez pudesse ser. E assim propusemos: os alunos da disciplina de Psicologia da Educação II, ministrada a vários cursos de licenciaturas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (biologia, teatro, geografia, história, letras, química, etc.) escreveriam cartas a destinatários quase desconhecidos. O que sabiam era que suas cartas chegariam a alunos de uma escola pública de Porto Alegre. O que escrever? Como iniciar uma correspondência com alguém desconhecido? Muitas são as entradas possíveis mas um ponto nos pareceu comum nestas primeiras cartas: a vontade de conhecer esse outro da escola. Então iniciamos. A escola em questão foi a EEEF Brigadeiro Silva Paes, localizada no bairro Teresópolis, zona sul de Porto Alegre. O(a)s pequeno(a)s aluno(a)s, já cheios de expectativa, receberam num dia chuvoso a tão esperada visita: o carteiro! Um dos estudantes de graduação chegava à nossa escola, carregado de muitas cartas, que aos poucos encontrariam as mãos ansiosas de seus correspondentes. Cada aluno(a) recebeu uma carta, para a qual ficou responsável por redigir uma resposta. Destas primeiras cartas surgiram outras, idas e vindas durante parte do primeiro semestre de 2015. As correspondências entre licenciandos e alunos da escola básica tiveram tonalidades diversas, cada qual percorrendo itinerários bastante singulares. O que ficou para todos foi a vontade de um encontro presencial, ocorrido no final do semestre, numa manhã de terça-feira na Faculdade de Educação da UFRGS. Todos tiveram a chance de conhecer seus correspondentes, algo que nos tocou em cheio. Licenciando(a)s e aluno(a)s unidos por uma expectativa em comum, a de conhecer o rosto do outro, bater um papo, saber mais sobre aquele(a) com o(a) qual conversou durante o semestre através da escrita. Passado este momento, e já projetando outros, pensamos no que se passou e no tanto que aprendemos numa experiência como essa. Não há como dimensionarmos objetivamente, mas as expressões e relatos dos participantes já nos dão boas pistas: para muitos (mesmo para graduandos) foi a primeira carta escrita na vida, um gesto inusitado e desafiador. Pensamos que, conjuntamente aos aspectos afetivo-existenciais, as cartas podem ser um ótimo recurso pedagógico, algo que nos instigou a experimentar novamente em semestres vindouros. Afinal, que sentido outro haverá numa aula que não seja o de experienciar e apostar em bons encontros?